



“A formação de grupos de professores de diferentes áreas para o desenvolvimento de projetos com interação dialógica será o futuro da extensão”.

Entrevista com
Eduardo Galhardo

Comunicar a produção científica e extensionista da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (Unesp Assis) tem sido umas das missões do professor Eduardo Galhardo na última década, através da coordenação do projeto TV Unesp Assis, acessível à comunidade externa através de programas transmitidos em TV aberta e fechada. Sua íntima e profícua relação com a extensão universitária também o levou a chefiar a edição da revista “Ciência em Extensão”, que divulga as produções extensionistas brasileiras desde 2004. Em entrevista realizada à Caminho Aberto, o professor apresenta as peculiaridades da produção extensionista da Unesp e os desafios para viabilizar a curricularização da extensão universitária em todos os cursos até 2010. A interação dos graduandos e docentes com a sociedade em busca de gerar transformação social e a criação de projetos em redes foram alguns dos assuntos abordados pelo professor durante esse bate-papo, repleto de conhecimento e esperança no importante papel que a extensão possui para interferir positivamente na realidade brasileira.

Caminho Aberto *Nos últimos anos, as instituições de ensino estão percebendo a extensão como uma ferramenta real de transformação social e de enfrentamento aos problemas locais. Isso também tem ocorrido na Unesp? De que forma?*

Eduardo Galhardo Para responder a essa questão, temos que contextualizar a Unesp, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, a universidade de todo o estado de São Paulo. Ela está presente em 24 cidades espalhadas em todas as regiões. São 34 faculdades e institutos, com aproximadamente 40 mil estudantes de graduação, 14 mil estudantes de pós-graduação, 3 mil docentes, aproximadamente 5 mil técnicos administrativos. A grandeza da Unesp possui essa capilarização, e a atuação em extensão é um dos seus destaques, sendo muito representativa. No Mapa da Extensão da Unesp, que demonstra a grandeza da sua atuação nessa área, uma das três principais atividades da universidade, que junto ao ensino e a pesquisa (em sua indissociabilidade) é marcante para as universidades brasileiras. Os projetos de extensão são categorizados em projetos de difusão de conhecimento e humanísticos (com mais de 200 projetos), os projetos vinculados ao atendimento e assistência (mais de 110 projetos), os projetos de metodologias participativas e tecnologias sociais (mais de 100), e esses representam a grande transformação desse caráter assistencialista (“fazer para”), para uma visão mais próxima da extensão atual com o Plano Nacional de Extensão que é o “fazer com”, e a questão de uma interação dialógica com a população. Esses projetos que colocam essas metodologias participativas e aplicam essas metodologias sociais são de grande destaque para a atuação da Unesp nessas 24 cidades. Esse mapa de extensão mostra essa grandeza. Além disso, temos outras atividades extensionistas como os cursinhos pré-vestibulares, os comitês de ação cultural, a Universidade Aberta à Terceira Idade, os centros de línguas, as empresas juniores em diversas profissões. Isso mostra a grandeza da Unesp e a sua amplitude no estado de São Paulo. Então, através do mapa, vocês podem acessar esses projetos e se inspirar para a realização de novas propostas.

Caminho Aberto *A tríade ensino-pesquisa-extensão constitui um requisito indispensável dos editais de extensão, mas alguns proponentes ainda parecem ter dificuldades de garantir a sua prática plena. A TV Unesp Assis, projeto sob sua coordenação, pode ser considerada um exemplo dessa tríade em ação? Como vocês têm conseguido garantir esse feito?*

Eduardo Galhardo A tríade está presente na produção de programas televisivos ligados aos projetos de extensão desenvolvidos aqui na unidade de Assis (interior de São Paulo, próximo ao Paraná). Nós buscamos essa interação dialógica com o público externo, mas vinculados aos projetos de extensão. Então nós utilizamos essa interação praticada pelos projetos que estão em execução para desenvolver os programas televisivos, que são veiculados em um canal de TV a cabo transmitido na cidade de Assis via canal aberto e via canal fechado por assinatura. Nós temos uma amplitude de comunicação da universidade com a comunidade bem interessante. Porém, com a redução dos recursos destinados à extensão, tivemos que reduzir bastante pessoal. Por isso, a produção de programas, que já foi quase semanal, hoje se restringe a algumas horas com cerca de 10 programas por ano (que estão sob minha coordenação e são realizados por estagiários dos cursos aqui da faculdade). Então essa interação não é plena. Eu acho que essa atividade de comunicação é muito difícil. Mas, por outro lado, é muito importante que a universidade mostre o que está sendo feito nas áreas de ensino, pesquisa e extensão para a comunidade. Porque, geralmente, as universidades públicas e institutos federais estão localizados nos subúrbios das cidades, elas ficam distante da comunidade. A comunicação é a saída para aproximar as instituições da comunidade, e trazer essa população para desenvolver assuntos e programas nesses canais é muito importante. Então estamos no caminho, mas ainda não chegamos lá. E podem ficar tranquila porque os desafios que vocês tem aí nós também tivemos nos projetos realizados a cinco, seis anos atrás, com as mudanças debatidas no Forproex (Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras), quando você teve uma mudança radical do “fazer para” para o “fazer com” e a necessidade dessa interação dialógica para o desenvolvimento de projetos. Então aquela visão da extensão apenas com um caráter assistencialista (“fazer para”), a universidade apenas levando conhecimento para a comunidade, isso tem que se transformar. Porque a gente tem que partir dos saberes

da comunidade, interagindo com os nossos saberes para promover desenvolvimento e transformação social. Esse é o caminho para os projetos de extensão. Alguns estão mais próximos, outros estão mais distantes. Por isso separamos em programas e projetos de extensão, para distinguir aquelas atividades extensionistas importantes, mas que não tem aquela interação plena e dialógica com a população.

Caminho Aberto *Sobre a curricularização da extensão nos cursos superiores, conforme exigido pelo Plano Nacional de Extensão: em sua opinião, será possível às instituições de ensino superior brasileiras atender essa exigência até o prazo estipulado (2021)? Quais seriam os possíveis entraves? Como a Unesp tem buscado atender a essa exigência?*

Eduardo Galhardo Você tem uma diversidade: a Unesp tem 134 entradas de cursos, com uma diversidade de formação muito grande. Então você vai ter em algumas carreiras e cursos uma maior dificuldade para creditação de atividades de extensão, até porque não há tanta interação dialógica com a comunidade em determinados cursos. A Unesp está caminhando nessa questão da creditação, e ela é muito importante para consolidar essa aproximação do graduando com atividades que visem a transformação social. Atualmente os conselhos de curso estão incluindo nos projetos de reestruturação curricular as formas pelas quais eles irão realizar a creditação da extensão universitária. A decisão do Cepe (Conselho de ensino, pesquisa e extensão) é que essa reestruturação seja feita em três anos ou seja, até 2021. Esperamos que a universidade inteira se adeque porque a gente acredita na importância disso, na formação de alunos diferenciados, a quem seja oportunizada a interação com a sociedade e o desenvolvimento de pesquisa e ensino de qualidade. O modelo de universidade preconizado pela constituição é plenamente executado nas universidades públicas estaduais do estado de São Paulo, é uma referência nacional. E esse projeto de creditação da extensão é muito importante para que todos os estudantes tenham essa oportunidade de interagir com a comunidade e buscar a transformação social, porque a educação é a melhor forma de a gente mudar a sociedade.

Caminho Aberto *Durante todos esses anos de prática extensionista, o senhor tem percebido alguma relação entre a participação dos estudantes em atividades de extensão e o aumento da permanência/êxito dos mesmos na universidade?*

Eduardo Galhardo Eu atuo diretamente nos cursos de Psicologia e de Ciências Biológicas aqui da unidade de Assis. E, realmente, os alunos da Psicologia que se envolvem na extensão têm uma formação mais representativa, pois a atuação na extensão permite a formação de um psicólogo, um profissional muito mais engajado, atuante, capaz de modificar a sociedade, de interagir e promover o bem comum. Então essa participação é evidente: os alunos que participam de projetos de extensão têm um diferencial muito representativo na qualidade da formação.

Caminho Aberto *Promover a busca ativa por demanda externa tem sido mais um desafio enfrentado pelos docentes pesquisadores que se dispõem a submeter projetos de extensão. Que estratégias de relacionamento com a comunidade podem garantir que a mesma seja efetivamente consultada e considerada durante o planejamento das propostas? As experiências de extensão apresentadas na revista “Ciência em Extensão”, na qual o senhor é editor-chefe, tem apresentado soluções para esse desafio?*

Eduardo Galhardo A Revista “Ciência em Extensão” iniciou suas atividades em 2004. Analisando o que era publicado e o que está sendo publicado, há essa transformação no caráter da extensão, como já mencionei. Então, isso é evidente. Mas nos projetos que são rejeitados, muitos que não chegam a ser publicados (o que corresponde a mais que 40% dos textos recebidos) ainda veem a extensão com uma atividade assistencialista, focados na questão de levar algum conhecimento ou levar uma atividade da universidade para a população, e só com esse sentido único. Muitos trabalhos ainda são submetidos com essa visão. Temos buscado interagir com os autores falando para eles evidenciar atividades de extensão com perfil interacionista. Mas ainda não é total essa questão nas publicações. Podemos distinguir os projetos que têm essa interação dialógica, que utilizam a tecnologia social, desenvolvem a comunidade onde está inserida a universidade; mas outros que ainda têm esse caráter de atividades de extensão “para”, que também são interessantes... eu acho que esse é um processo que vai demandar ainda um tempo. Se percebe que isso está se modificando de maneira geral, com essa transformação do “fazer para” para o “fazer com”. Sobre o outro aspecto da questão, como professores tradicionalmente envolvidos com pesquisa podem desenvolver projetos visando a garantia dessa integração entre ensino, pesquisa e extensão... eu acho que é na formação de redes! É convidar o professor que tem uma experiência extensionista mais fértil, e analisar como esse professor pode contribuir com outros projetos mais amplos de interação com a comunidade. A questão é promover diálogos entre os professores para formar projetos integrados e multidisciplinares com a sociedade. Eu acho que esse é o maior desafio. Até um bom tempo atrás a universidade era muito individualista, cada um no seu projeto de pesquisa. Agora você tem grupos. Até na pesquisa você está

formando essas redes. Eu acho que isso também vai acontecer com a extensão. A formação de grupos de professores de diferentes áreas para o desenvolvimento de projetos com interação dialógica creio que será o futuro da extensão.

Caminho Aberto **Após tantos anos de prática extensionista, quais seriam as duas maiores lições que aprendeu ao longo dessa longa e profícua trajetória?**

Eduardo Galhardo Se lembrarmos o que o Paulo Freire falou sobre a questão dos professores, de que devem ter a ciência que ninguém sabe tudo nem ignora tudo... eu interpreto isso para todos os profissionais. Todos nós temos o que aprender, e precisamos nos conscientizar de que não estamos prontos, ter a consciência da nossa inconclusão. E, ao ter essa consciência, é preciso descer desse pedestal que alguns estão para servir e participar da sociedade. Eu acho que esse é o principal resultado desses anos de atividades extensionistas. A importância de participar, ouvir e estar aberto para “aprender com”. Eu acho que esse é o maior ensinamento da extensão, nos colocar para uma participação ampla em rede. Um segundo aspecto seria a formação de um aluno mais próximo à realidade social brasileira. Essa aproximação do graduando extensionista tendo uma visão da realidade e atuando nessa transformação da realidade brasileira. Esses seriam os aspectos que eu destacaria.

Por Roberta Cajaseiras de Carvalho, doutora em Educação, mestra e bacharela em Turismo, professora e coordenadora de Extensão do Câmpus Chapecó do IFSC.